

DUARTE de ALMEIDA o decepado

El-rei D. Afonso V de Portugal pretende o trono de Castela, por ser casado com D. Joana, filha do falecido rei castelhano. A esta intenção opõe-se D. Isabel, a Católica, irmã deste. Para fazer valer os seus direitos, o rei português invade o território castelhano. Nos campos de Toro, os dois exércitos defrontam-se, em 1 de Março de 1476.



A Ala do exército português comandada pelo filho de el-Rei, o príncipe D. João (o futuro D. João II), derrota o adversário que lhe coubera.



A outra ala, comandada pelo próprio D. Afonso V, é desbaratada, apesar da sua bravura.

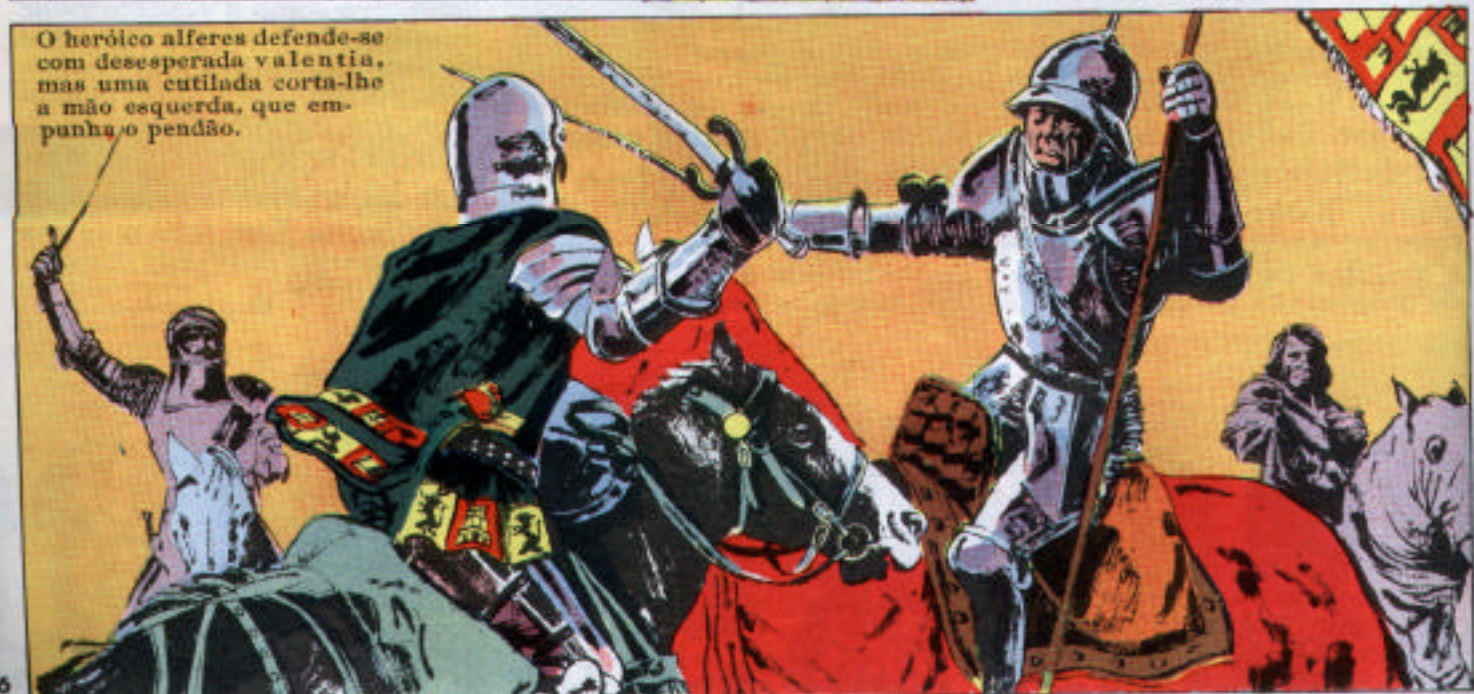


Durante a refrega, a escolta separa-se do pendão real, confiado ao alferes-mor Duarte de Almeida.

O porta-estandarte português! Cerquem-no! Não o deixem fugir! Vamos apoderar-nos da bandeira inimiga!



Querem a bandeira! Venham buscá-la!



O heróico alferes defende-se com desesperada valentia, mas uma cutilada corta-lhe a mão esquerda, que empunha o pendão.

Passa a bandeira para a mão direita, que outra espadadeira decepa.



Com o auxílio dos membros mutilados o alferes segura a bandeira entre os dentes, mas...



O cavalo caiu!

É nonno!



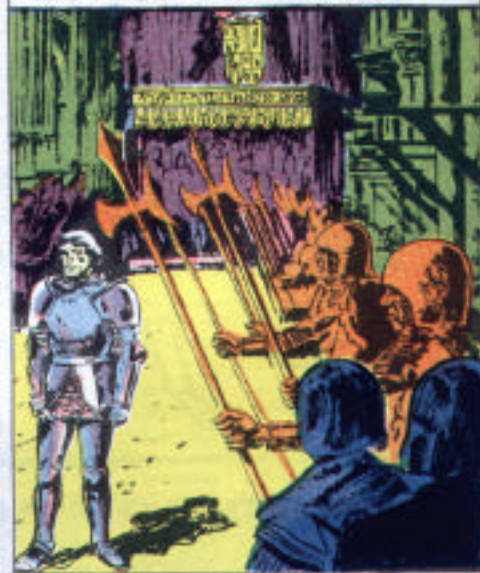
O inimigo triunfante arrasta a bandeira portuguesa pelo chão...



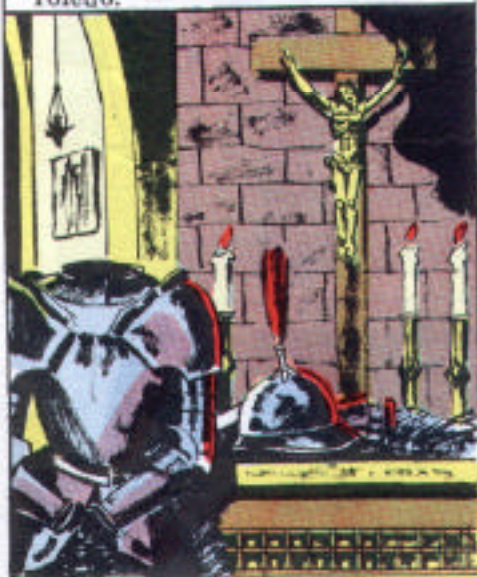
Mas Gonçalo Pires, um valente escudeiro, lança-se sobre os castelhanos e recupera o pendão!



Duarte de Almeida é levado para Zamora, onde os inimigos rendem homenagem ao seu heroísmo.



D. Isabel, impressionada pela sua bravura, ordena que as armas do valeroso decepado sejam colocadas na capela real da Catedral de Toledo.



Mais tarde, o herói volta a Portugal e vem a morrer no seu castelo de Vilarigues. Mas o seu acto permanece bem vivo, para todos aqueles a quem é confiada a defesa da Bandeira, que simboliza a própria Pátria.

